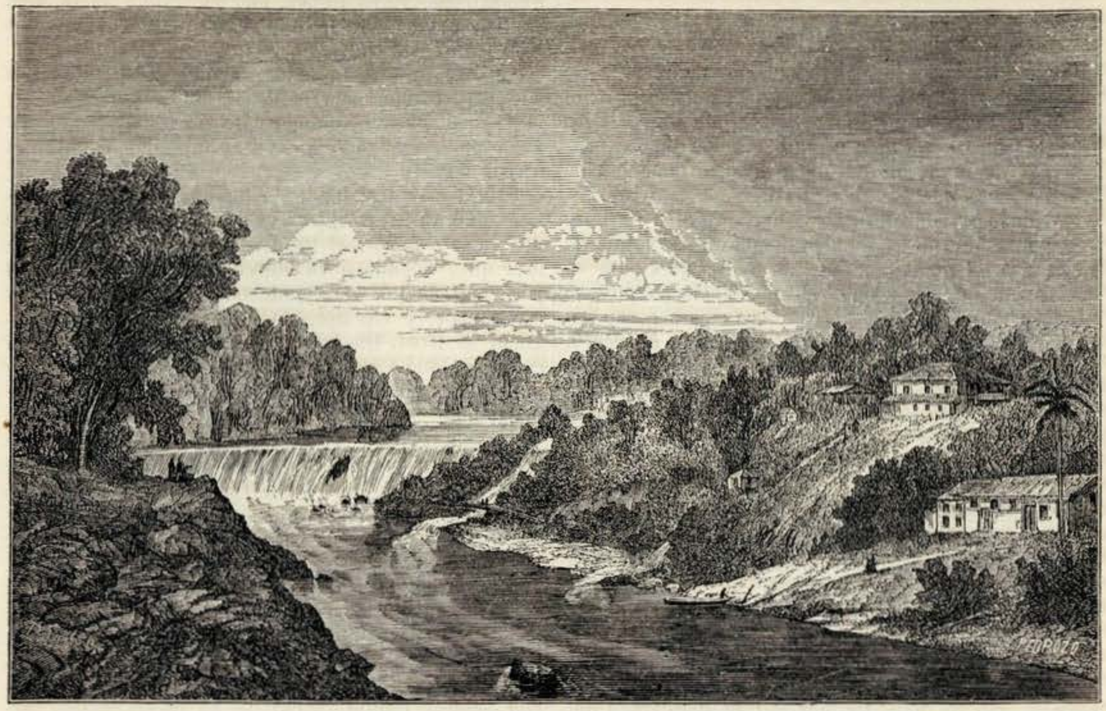
BRASIL



Cascata de Piracicaba, na cidade da Constituição

I

A doze legoas da florescente cidade de Campinas, e a trinta da capital da provincia de S. Paulo, recosta-se em esplendidos tapetes de macia relva a pequena cidade da Constituição.

Nos primeiros annos d'este seculo, tomando o nome do rio que lhe beija as plantas, era esta povoação um mui limitado ponto de degredo, para o qual os logares circunvisinhos, taes como Itú e Porto-feliz, enviavam os criminosos e malfeitores a cumprir sentença. De pequeno arrayal que era, alcançou, em 1810, os fóros de freguezia. Logo depois de proclamada a independencia do imperio, conferiu-lhe a assembléa geral legislativa o titulo de villa, e, em attenção a ser a primeira que se installava em seguimento a tão assignalado facto, conferiu-lhe o muito honroso e conspicuo nome de *villa da Constituição.*

A villa, pelo seu avantajado crescimento, chegou a ser cidade, em virtude de um decreto do poder competente, datado de 24 de abril de 1856. A cidade é hoje cabeça de comarca.

Na estampa que o leitor tem á vista, cujo desenho é devido ao talentoso sr. Miguel Archanjo Benicio Dutra, sobresaem a cidade, e, no rio, a cachoeira de que vamos ora mais largamente occupar-nos. Uma e outra formam um dos quadros mais encantadores e aprazíveis que se possa imaginar na terra.

Á margem esquerda, as aguas, como que descendo os degraus de uma escada, vão morrendo brandamente pela quebrada dos rochedos e altas pedras que erguem deseguaes as pontas escarpadas pelo alveo do rio n'esse logar; á direita sobem ellas á altura de um grosso paredão, por cujas fendas marulham, sem cessar, seus jorros em espumantes e férvidos cachões. Na primeira d'estas margens, parte do rio se divide em diminutas torrentes, uma das quaes é coberta por singela ponte de madeira, que dá transito aos que são curiosos de admirar de mais perto o salto. Além d'esta, separado do grande leito por uma fita de verdura, que as lavadeiras estão sempre a bordar com seus alvissimos pannos, deslisa-se por manso e doce declive outra corrente. Ha ainda terceira, que o esforço artistico do trabalho humano, só ajudado pelas condições do terreno, foi arrebatar á grande massa das aguas, e levou a mover essa serie de moinhos que se firmam em pequenos taboleiros, como se póde ver da gravura que precede estas linhas.

Desde a ponte de madeira, que prende a cidade á margem direita do rio, readquirem as aguas o curso natural, e fogem com serenidade imperturbavel muito de se admirar. A vista que as seguir na voluptuosa attracção de sua placida corrente, acompanhando a estrada que se estende ao longo da margem esquerda, vae apanhando as encantadoras paizagens adjacentes até concentrar-se toda na montanha, sobre a qual, em lisa planura, se desdobram as extensas e direitas ruas da cidade.

Este bello panorama, gozado em toda a sua plenitude, accende n'alma tanto a poesia da meditação com todo o seu cortejo de visões lêdas, de melancolicos sonhos, e d'esses *nadas* que a imaginação cria, encarna e anima nas horas em que o espirito fluctua pela contemplação das obras do Supremo Artifice, que não seria condemnavel o preferir extasiar-se á beira das cachoeiras de Piracicaba ao pasmar-se diante das catadupas do Niagara ou de Paulo Affonso. Ha alguma coisa das harmonias do ceo, um quê divino das consolações e ridentes esperanças do empyreo nas primeiras; descobre-se o que quer que é da atterradora colera do Eterno, um tanto da imagem afflictiva dos incomprehensiveis mysterios nas segundas. Quero cho-

rar, á tarde, em baixo de uma arvore isolada que estremece aos brandos carmes do sabiá mavioso; não quero gemer perdido, á noite, rasgando os braços nas entrelaçadas frondes do ramalhado matto virgem!

II

O rio Piracicaba [1] é abundantissimo de peixe de muitas e variadas qualidades. As principaes são: o grande *doirado*, a apreciada *piracanjúba*, o *pacú*, o *piracambú*, o *mandy*, e o *jahú*, um dos maiores peixes que se conhecem em agua doce, o qual tem de 6 a 8 palmos de comprido.

A cidade da Constituição [2], desde que se crearam as colonias militares do Avanhandava e Itapura no Tieté, é o pônto d'onde descem as *monções* para os sertões em que se acham estes estabelecimentos, o que lhes tem sido de muita vantagem para o seu notavel crescimento. Os habitantes da villa de *Botucatú*, *Lençóes*, e os sertanejos do *Jahú*, tem explorado muito a navegação fluvial para aquellas bandas, e vem pelo rio commerciar e permutar generos com os da Constituição, onde, pela mesma róta, tem chegado *monções* de Sant'Anna de Paranahyba, da longinqua provincia de Goiaz.

Os edificios do logar que estamos descrevendo são como os de todas as povoações brasileiras, sem importancia alguma na quasi totalidade. A egreja matriz é regular e de muita simplicidade; a casa da camara municipal está nas mesmas proporções; um pequeno theatro, que se acha em ruinoso abandono, vive fechado. As terras, entretanto, em muitas legoas ao redor cobertas ainda de vastas e inestimaveis mattas virgens, são de uma fertilidade espantosa, pelo que se deduz que, com as condições topographicas que possue, e mais ainda, com a conclusão da estrada de ferro d'esta provincia, apenas retardada pela difficil factura dos viaductos, de prodigioso e extraordinario lavor, que se estão assentando na ingreme serra do Paranapiacaba, deduz-se que a cidade da Constituição ha de florescer muito, e tomar posição nomeada entre as primeiras d'este imperio.

Debalde buscará alimento n'este artigo a curiosidade do estudioso de monumentos e antigualhas celebres, em que o engenho humano concentrasse todas as suas forças e inesgotaveis recursos: a America não póde ainda pleitear com o velho mundo n'essas coisas, mas leva-o de vencida com a sua miraculosa vegetação, com a sua natureza esplendente e rica de maravilhosas novidades. Lá o homem com as suas mil luzes de civilisação; aqui só Deus!...

S. Paulo, 12 de dezembro de 1864.

F. Quirino dos Santos.

UM EPISODIO DE TORRES VEDRAS

(Conclusão. Vid. pag. 390)

«Eu não sei se v. s. conhece Torres-Vedras. É uma villa bonita de casas brancas, que desce pela falda de uma montanha a molhar os pés no Cephiso, e estaca diante de outra montanha fronteira, no cimo da qual estão umas fortificações que ficam defronte da cidadella, com a qual cruzam os fogos que esmagam inevitavelmente quem se arriscar a ir-se pôr á borda do rio sem ter tomado primeiro ou a cidadella, ou o forte de S. Vicente, que assim me parece que se chama o reducto fronteiro.

«O 16 foi encarregado de tomar o forte de S. Vicente; não sei se foi mais alguem, porque eu só via o que se passava cá no meu lado, e não despregava os olhos do meu Pedrito, que estava ao pé do sr. brigadeiro Taborda, que era então coronel, com uma firmeza e intrepidez que me envergonhavam a mim, velho soldado das campanhas da liberdade, e que tremia como varas verdes, não por minha causa, meu alferes, que já víra muitas vezes a morte diante dos olhos, mas por elle, pelo meu querido Pedro!

«E o rapaz todo animado, de ouvido á escuta, para não perder uma palavra das ordens que lhe transmittisse o nosso coronel, e que elle havia de repetir na corneta, nem parecia ouvir as balas que assobiavam á roda d'elle.

«Tambem quem havia de ter medo ao pé do coronel Taborda? Envergonhava-se a gente de que elle nos visse o mais leve tremor. Sempre me hei de lembrar que, estando o 16 em columna cerrada, passou por cima de nós uma granada. Era a primeira que recebiamos, e em fim, do primeiro movimento ninguem se livra. Quando a granada se approximou da columna, todo o regimento, sem querer, e levado, como diz o outro, pelo instincto da vida, abaixou-se ao mesmo tempo.

—«Que é isto, 16?—brada o coronel Taborda com a mesma voz, com o mesmo gesto, com o mesmo socego com que nos teria reprehendido na parada por termos marchado mal, ou por não termos conservado alinhamento nas rodas. Firmes. Não quero ver nem um soldado a mexer-se na fórma.

«V. s. não imagina, meu alferes, ninguem imagina o effeito que produziram em nós aquellas palavras, proferidas por esse valente dos valentes, que via a morte em torno de si, sem lhe dar sequer attenção, pelo contrario, desafiando-a. O nosso coronel conservou sempre, durante a batalha de Torres-Vedras, um cobrejão escarlate por cima da farda. E quando os srs. officiaes lhe perguntavam para que era aquillo, dizia que era para os inimigos o conhecerem bem.

«Todos sentimos um impeto de raiva contra nós mesmos por termos cedido áquelle primeiro movimento, egual em todos, e que, em quanto a mim, prova que foi obra de instincto e não de reflexão.

«Veiu outra granada. Sou um seu criado, já lá vae o tempo de comprimentos, nem uma inclinação de cabeça lhe fizemos. O regimento ficou immovel. Depois vieram quantas quizeram, mas ora quem diz lá? O regimento era uma rocha.

«Tinha-se tomado o forte de S. Vicente. Começára o ataque das pontes que atravessam o Cephiso; era então que principiava a verdadeira acção. Tres regimentos dos nossos marcharam sobre as pontes, o 10, granadeiros da rainha, e outro que me não lembro qual era [1]. A agua do rio já ia côr de sangue. Choviam balas e granadas da cidadella, e a nuvem de fumo encobria-nos completamente a nós. Quando a fumarada se dissipava um instante, lá via eu o meu Pedrito immovel junto do cavallo em que montava o coronel, e de cada vez que eu o via sentia um certo regozijo, e ao mesmo tempo uma certa tristeza, porque nós, para bem dizermos, ainda não entráramos na dança.

«A artilheria e a fusilaria faziam uma bulha de atordoar. Alguns balazios da cidadella vinham cair a nossos pés já frios e sem força. Lá em baixo, quando se rasgava a cortina do fumo, viamos o rio a fugir por baixo das pontes, levando cadaveres vestidos com farda de gola e canhão amarello do pobre 10, que bastantes perdas soffreu. *Granadeiros da rainha* não investira de um impeto com a ponte, e desenvolvêra-se em linha na estrada que orla o Cephiso. Nenhu-

[1] Vem do indigena, quer dizer: logar onde o peixe pára.

[2] O vulgo da provincia toda ainda hoje lhe dá o primitivo nome.

[1] A narração da batalha de Torres-Vedras tem, estou d'isso convencido, muitas inexactidões, que me seria facil rectificar; mas não quiz, porque, collocando-a na boca de um soldado, descrevi a acção tal qual ella se conserva na memoria dos soldados que assistiram a essa sanguinolenta peleja, com todas as suas lacunas, com todas as suas inexactidões, mas com todo o seu pittoresco.

ma bala da cidadella se perdia n'aquella comprida lita, que se deixava cortar em pedacinhos pelas bombas e pelas granadas, que são as tesoiras do diabo.

«Não era possivel continuar assim a batalha, a não ser que quizessem sacrificar de todo esse valente regimento; o nosso *velho* percebeu isso mesmo, e mandou ao 16 que marchasse a passo de carga, e que tomasse a ponte de S. Miguel; assim se chamava essa ponte fatal, cujo nome não será facil que me sáia da memoria.

«Quando eu ouvi a ordem, deu-me um baque no coração... e digam lá que não ha presentimentos!

«Eu era da primeira companhia, como ainda hoje sou, e formava uma das primeiras filas. De fórma que o coronel devia ir a dois passos de mim, e juntamente com o coronel o meu Pedrosinho.

«Como eu disse já, tinha chovido na vespera, e chovido muito; por conseguinte a carga que nós iamos dar, descendo como um penedo de cima do monte para irmos desabar no valle, tinha de vencer esse formidavel obstaculo dos chavascaes.

«A gente atolava-se até aos joelhos, e muitos vi eu procurarem safar as pernas da lama, conseguirem-n'o, mas deixando lá ficar as botas, e continuarem depois na carga em palmilhas de meias.

«O Pedro ia ao pé de mim; eu passára-lhe o braço á roda da cintura, e levava-o como que suspenso no ar.

«Entretanto o fumo enchia os ares, as detonações da artilheria eram sem cessar, e iam de montanha em montanha fazendo *bum bum*, de sorte que lá ao longe no horisonte parecia que se amontoava a trovoada, e que aquelles ultimos echos eram o ribombar dos trovões distantes.

«As balas assobiavam já ao pé dos nossos ouvidos; a cidadella parecia um inferno, não se lhe viam os muros, cercados de chammas e de fumaça. Era uma vista horrivel; pois olhe que eu estava costumado a ellas, meu alferes.

«Estavamos no sitio varejado pela artilheria, e começavamos a ver a estrada que seguiamos orlada de mortos e feridos dos regimentos que iam adiante de nós. Entre elles estava um sargento, que recebêra uma bala não sei onde, sei que era horrendo de ver; tinha a cabeça quasi esmigalhada; mas, apesar d'isso, não morrêra ainda; agonisava, e no estertor virava e revirava os olhos, como que supplicando que lhe dessem um tiro para acabar com os seus soffrimentos.

«Fez-me aquillo uma impressão dos demonios. A guerra tem d'estas coisas, meu alferes.

«O Pedro tambem ficou amarello como uma cidra. Voltou-se para mim, e fez-me esta falla:

—«Ó mano Romão, tu vaes-me fazer um juramento sagrado pela alma de nosso pae, e pela saúde de nossa mãe.

—«Para que precisas tu de um juramento d'esses, rapaz? Não sabes que te faço tudo quanto tu queres?

—«Bem, n'esse caso faze-me isto.

«Onde iria aquelle rapazola de quatorze annos aprender estas coisas, meu alferes?

«Eu que sou e sempre fui um palerma, fiquei assim a modo atomatado com a resposta do rapaz.

—«Vá lá, tornei, dize lá o que queres!

—«Faze-me o juramento de cumprires a minha vontade.

—«Juro, sim, homem, com seiscentos demonios: mas desembucha a final.

—«Pela alma de nosso pae, e pela saude de nossa mãe?

—«Sim, Pedro, que remedio!

«Que havia eu de fazer, meu alferes? Elle olhou para mim com um olhar tão meigo, e quando elle olhava assim para a gente, não havia recusar-lhe coisa que pedisse.

—«Pois bem, disse-me o Pedro, a vontade a que tu juraste obedecer é a seguinte: Se eu for ferido tão desastradamente como aquelle sargento, põe-me a boca da tua espingarda no ouvido, e desfecha.

—«Ó Pedro! — bradei eu aterrado com tão singular e lugubre pedido.

—«Então antes queres que eu soffra tal?...

—«Mas...

—«Juraste.

«O rapaz tinha razão. O juramento estava feito.

«Acabavamos de descer o monte, e o coronel, sem estar lá com meias medidas, sem nos deixar tomar um instante o folego, levou-nos logo de arremettida á ponte. Ora imagine v. s., meu alferes, que deita a correr por essa ladeira abaixo, mas a correr a bom correr; quando chegar a terreno chão, ainda mesmo que queira não póde parar, e sempre ha de dar quatro ou cinco passos para diante antes que consiga suster-se.

«Foi o que succedeu ao 16. Fosse lá alguem parar quando acabou de descer o diabo da montanha. Foi um abrir e fechar de olhos, em quanto atravessámos a ponte, sem darmos tempo ás balas da fortaleza nos cairem em cima.

«Assim que haviamos chegado á ponte de S. Miguel, perdêra eu de vista o Pedro. O nosso coronel ficára um pouco á retaguarda, e o Pedro, por conseguinte, tambem. Alli assim, n'aquelle terreiro varejado pelos demonios dos canhões da cidadella, o nosso coronel nem parecia pensar em tal; estava parado com tanto socego a ver desfilar o regimento, como se estivesse no quartel vendo voltar o corpo do exercicio.

«Não pensava elle; mas pensava eu. O meu Pedro! Involuntariamente fui-me deixando descair á retaguarda.

«De repente inunda-nos um turbilhão de metralha. Paro com o coração a bater-me no peito, que parecia que o despedaçava. Dissipa-se o fumo, ouvem-se gemidos; ancioso, oppresso, nem já sei de mim, e sem me importar que me accusassem de covarde, viro as costas ao inimigo, e vou procurar meu irmão, não m'o levasse a morte no regaço de fogo da metralha.

«A fusilaria do inimigo continuava frouxa. Algumas balas perdidas vinham cair nas nossas fileiras.

«Isto que eu conto assim seguido a v. s. passou-se n'um mesmo instante. A metralhada, o eu voltar para traz, e a fusilaria. Imagine quanto fiquei contente quando, logo em seguida á furiosa detonação da metralha, ouvi o alegre signal do regimento tocado pela corneta do meu Pedro.

«Eu bem sabia que era a d'elle. Nenhum floreava mais os toques, nem lhes dava maior graça.

«Como fiquei contente! Nunca ouviu, depois de se dissipar a tempestade, o primeiro canto do passarinho que vem seccar ao sol as azitas molhadas pela chuva da procella? Não se sente um contentamento tão grande com esse gorgeio?

«Pois foi essa a impressão que me causou o toque de corneta do meu Pedro.

«Mas o que queria dizer aquillo? Pedro tocou o signal do regimento, e calou-se. Caso estranho! Arrepender-se-hia o coronel da ordem que ia dar, e ordenaria a meu irmão que não continuasse o toque?

«Que seria? Á alegria d'aquelle instante succederam de novo os lugubres presentimentos.

«D'esta vez não me enganaram, continuou o Romão soluçando, porque quando eu cheguei ao pé da ponte, encontrei o meu Pedro, o meu irmão, o meu filho, o meu Menino-Jesus, a minha flor, a minha joia, estirado com a corneta ainda na boca, e, veja o que é a sorte, senhor alferes! com a mesma ferida do sargento.

«Fôra uma d'aquellas balas perdidas, das quaes, por virem depois da metralha, eu não fizera caso, que

m'o roubára, que lhe esmigalhára a cabeça, e que lhe fizera saltar para fóra do craneo uma porção dos miolos.

«Eu ajoelhei ao pé d'elle, mudo. Porque sería, senhor alferes? N'aquelle instante não derramei uma lagrima.

«Pedro olhou para mim. Não podia fallar, mas mexeu os labios, e eu bem o entendi. Os olhos já quasi sem luz revirou-os para mim, e aquella muda linguagem queria dizer: Soffro muito, vê o que me prometteste.

«Desviei a cabeça. Mas, ao voltal-a de novo para elle, li-lhe nos olhos uma tal expressão de tristeza e de severidade ao mesmo tempo, que...

«Ó meu alferes, eu sou um pobre homem que nada sei, que nem me lembro bem do cathecismo que minha mãe me ensinou; por isso faço aquillo que me diz a voz não sei de quem, que se aninha dentro da consciencia da gente, e que quasi sempre me leva para o bem. Não sei se foram bons os conselhos que ella n'essa occasião me deu; se foram maus, bastante penitencia tenho feito ha quinze annos, que nunca mais tive uma hora de alegria. O que sei é que essa voz fallou-me com o nome do dever. O que sei é que não pude supportar a vista d'aquelle horrivel soffrimento. Demais, o nosso capitão, que era um senhor official muito sabio, quando passou por ao pé do tal sargento do monte, disse: «É um desgraçado; está aqui a penar, e morre infallivelmente. Isto não tem cura».

«Em fim, meu alferes, metti a espingarda á cara e desfechei.

«E depois tornei logo a carregar a espingarda para dar cabo de mim, alli mesmo ao pé do cadaver do meu pobre irmão.

«N'isto, o cavallo em que vinha montado um ajudante de ordens que passava a galope sem reparar em mim, bateu-me com os peitos nas costas e atirou commigo de encontro á aresta da ponte. Abri uma brecha na cabeça, e caí desmaiado.

«Acordei ao outro dia no hospital de sangue, e foi só então que saíram as torrentes de lagrimas que eu represára até ahi.

«Que mais lhe hei de dizer, meu alferes? A minha velha morreu assim que soube a noticia, chamando pelo meu nome, e pedindo-me em altos gritos o seu Pedro.

«Eu por cá vou arrastando a minha existencia atribulada, com esta chaga sempre aberta no coração. E ahi tem v. s. como me lembrei do que fizera ao meu rapaz, quando o arrieiro contou o que o José do Telhado fizera a um dos seus companheiros».

V

O Romão calou-se. A sua historia produzíra em todos nós uma triste impressão. Ninguem ousára nem interrompel-o, nem consolal-o. Estas grandes dores são como os grandes abysmos, fazem emmudecer quem se debruça sobre elles.

Quem é capaz de soltar uma palavra só ao pendurar-se sobre um despenhadeiro, e vendo a immensa profundidade do vórtice horrendo?

O abysmo exerce sobre nós a attracção da vertigem, o soffrimento a da tristeza.

Rompia a alvorada triste e chuvosa. Cunha Bellem tornára a montar a cavallo, e eu caminhava a pé ao lado d'elle, lembrando-me d'aquelles versos que Victor Hugo escreveu n'uma das mais admiraveis elegias da sua *Légende des Siècles:*

.....Rien n'est plus noir que la pluie au matin.
On dirait que le jour tremble et doute, incertain;
Et qu'ainsi que l'enfant, l'aube pleure de naître.

Sentia n'aquelle instante a immensa verdade d'esses versos.

Por isso a tristeza se apoderou por tal fórma de nós, que só conseguiram dissipal-a uns bifes que comemos, ou antes que não comemos, na locanda da Travage, immortalisada por Camillo Castello-Branco em um dos seus romances.

Eu e Cunha Bellem entregámo-nos a longas investigações zoologicas ácerca do animal que fôra immolado ao nosso appetite, que se não aproveitára do sacrificio. Depois de uma larga discussão, que tencionâmos redigir n'uma memoria que ha de ser offerecida á academia real das sciencias, e que ha de immortalisar o nosso nome, concluimos, attendendo ao absurdo sabor dos taes bifes, que o estalajadeiro fôra collaborador de Cuvier, e que, em quanto o sabio francez reconstruia o esqueleto do masthodonte, o *land lord* da Travage descobria-lhe a carne, podendo offerecer assim aos desgraçados que lhe appareciam de madrugada guizados antediluvianos.

D'ahi a uma hora entravamos no Porto.

M. Pinheiro Chagas.

CAMINHO DE FERRO DOS PYRENEOS A MADRID

Em desempenho do que promettemos a pag. 344, vamos apresentar aos nossos leitores mais tres vistas de obras de arte do caminho de ferro dos Pyreneos a Madrid, copiadas tambem, como a primeira que publicámos, de duas gravuras da *Illustração* franceza. Não obstante este jornal não entrar na descripção de taes obras, isto é, nos numeros até agora publicados, pois que ainda está em continuação o artigo em que o auctor relata a viagem que fez de Paris a Madrid, no dia em que se inaugurou a via ferrea, as nossas gravuras deixam ajuizar da importancia das mesmas obras, e das difficuldades que foi mister vencer para as levar a cabo.

Representam as gravuras os viaductos e tunneis de Guadarrama, de Miranda, e de Pancorbo.

Este ultimo tunnel, construido na montanha alcantilada, em cujas faldas se acha sentada a villa de Pancorbo, está aberto a meia altura de um elevado serro de rocha durissima.

O viaducto de Guadarrama tambem vae terminar em um tunnel, mais pequeno que o precedente, e cuja abertura a estampa não mostra, porém logo adiante torna a via ferrea a penetrar nas entranhas da serrania.

Esta serra, chamada de *Guadarrama*, faz parte da cordilheira dos montes Carpetanos, que dividem as duas Castellas, Nova e Velha.

Por estas duas vistas, e pela do viaducto de Ormaiztegui, que démos em primeiro logar, póde-se fazer idéa dos obstaculos de todo o genero que a empreza encontraria na construcção de um caminho de ferro que corta tantas montanhas fragosas, ora elevadas em altissimos serros, ora cavadas em profundos algares. E accresce ainda a tudo isto, que as rochas d'essas diversas cordilheiras são, pela maior parte, calcareas ou graniticas, encontrando-se muitas pedreiras de marmores de variadas especies, todas difficeis de cortar, e ainda mais de perfurar.

O viajante francez, a quem nos referimos acima, mostra-se extasiado diante das bellezas naturaes de alguns sitios por onde passa a via ferrea. Entretanto, segundo temos ouvido a pessoas de todo o credito, que fizeram viagem pelo dito caminho, não são os sitios formosos pela sua amenidade os que abundam na passagem d'aquella via, mas sim os que avultam pela magestade das scenas da natureza, e pela perspectiva pittoresca das fórmas.

I. de Vilhena Barbosa.

MANUEL DA SILVA PASSOS

(Vid. pag. 297)

IV

Não insistiremos sobre as causas que determinaram a quéda da constituição, nem apontaremos agora os elementos de que se valeu a facção apostolica para demolir, quasi em horas, o edificio que seus fundadores inexperientes, ou pouco advertidos, suppunham ter construido para resistir ás tempestades, e para durar seculos. Esses capitulos da nossa historia, ainda inéditos, esperam por uma penna digna de os escrever. A nossa, muito humilde para tão elevado assumpto, por todas as considerações é obrigada a restringir-se aqui sómente aos traços capitaes, deixando a pintura do quadro aos mestres, que o futuro de certo nos promette.

Coimbra, povoada de mancebos, que o viço dos annos e o ardor das crenças tornavam faceis de inflammar, abraçou com enthusiasmo as novidades politicas de 1820, seguiu com extremoso e apaixonado interesse os passos da revolução triumphante, e applaudiu com fervoroso patriotismo, mesmo de longe, as generosas theorias com que a tribuna das «Necessi-



Viaducto e tunneis de Guadarrama

dades» estreiava as primeiras armas dos oradores mais festejados. As luminarias, os hymnos, os sonetos, os foguetes, e o briche nacional, accessorio forçado de todo o bom cidadão que aspirasse á nota de puro nos sentimentos, attestaram frequentes vezes na Lusa Athenas a vehemencia e o jubilo com que ella acompanhou as duas capitaes nas manifestações de regozijo, provocadas pela derrota do regimen absoluto, imposto por Carr-Beresford, e aggravado pelos erros e incertezas do governo, fraco e avassallado, que, detestando o marechal, não ousava todavia resistir-lhe abertamente. não pela noticia dos livros, pelo prestigio dos nomes, e pela tradição dos outros povos. A exaltação da mocidade escondia-lhes os precipicios, em que duas vezes haviam de despenhar-se as instituições antes de uma assignalada, mas cruenta victoria, as firmar em 1834.

O modo por que estas illusões e tão doces esperanças se desvaneceram repentinamente, feriu de profunda dor o peito a ambos. Desde que os horisontes tinham principiado a carregar-se, a chegada do correio de Lisboa, aguardada com alvoroço pelos estu-



Viaducto de Miranda



Viaducto e tunnel de Pancorbo

A esse tempo cursava Manuel Passos as aulas de direito canonico, e era seu condiscipulo José da Silva Passos, mais adiantado em edade, e seu irmão não só no sangue, mas no ardente affecto de duas almas que desde a infancia viveram sempre intimas. Saudando a bandeira liberal, hasteada pela Junta do Porto, ambos imaginavam, na effervescencia das illusões juvenis, que depois de alcançada tão bella conquista, não podia perder-se; e soltando os vôos aos devaneios, sonhavam já realisados os melhoramentos, concebidos nas horas de vaga meditação, n'aquelle enlêvo amoroso da liberdade, que presume exequiveis todos os commettimentos, porque ainda não conhece as coisas se- dantes apinhados na ponte, servia de texto a planos, a conjecturas e a apostas, proprias de mancebos, aos quaes nem mesmo os desenganos convencem sempre. Figure-se o lucto e a mágoa que derramou na cidade a vinda do postilhão da côrte, trazendo a funesta nova dos successos que precederam e consummaram a chamada restauração de Villa Franca! A alma dos Grachos portuguezes cobriu-se de tristeza, correram lagrimas, e alguns mais romanos, á similhança dos seus modêlos, juravam immortalisar com o suicidio de Catão as exequias do codigo proscripto.

Manuel e José da Silva Passos participaram d'aquella nobre e virtuosa indignação, que o tempo não fez se-

não avivar, e concluido o curso de canones e de direito, recolheram-se á terra natal com as feridas d'este golpe ainda mal cicatrizadas. Alli, fóra da confusão da scena politica, continuaram por alguns annos a leitura e estudo dos grandes escriptores estrangeiros, então venerados como oraculos pela eschola liberal, familiarisando-se com o seu trato, e aprendendo na sua convivencia os segredos e destrezas que as polemicas quotidianas da imprensa requerem dos athletas que se offerecem a combater em tão escorregadia arena.

A carreira universitaria de Manuel Passos não foi obscura. Um premio de quarenta mil réis, com que a faculdade saudou o seu engenho, e a honrosa nota lançada por ella em suas informações, abonam ao mesmo tempo o comportamento e a applicação do alumno. Encerrada com tanto proveito a vida do estudante, a do cidadão eminente, e do publicista esclarecido, não desmentiu em nenhuma epocha tão bem agoirados prenuncios. Fortificada pelos revezes, e pela comparação de nações e costumes diversos, na Belgica e na França, depois do reviramento de 1828, a sua vocação desenvolvendo-se vigorosa pelos caminhos que se lhe abriam, ou que apuradas circumstancias lhe consentiram, levou-o das luctas da tribuna ás alturas do poder, em momentos solemnes, quasi unicos, e confiou-lhe os destinos da patria no auge de anciedade de uma crise que sobresaltava os mais ousados, no meio das ruinas da obra de D. Pedro, derrubada em uma noite por um impeto de cego fanatismo partidario.

Mas antes de entrarmos n'esse periodo mais proximo da sua existencia, contemplemos Manuel Passos no desterro! Os dias escoam-se vagarosos e sombrios para os que á beira de terra estranha recordam dias ditosos e memorias queridas, vendo com os olhos do espirito apparecer e sumir-se por entre as nevoas de outros climas a saudosa imagem da patria, aonde primeiro lhe sorriram os labios maternos, e aonde sabem que a todos os instantes suspira com a sua, a alma dos que mais amam. Repartidos pelos depositos de França, de Inglaterra e da Belgica, aos emigrados portuguezes travava na boca bem amargoso o pão do exilio, e a sua pobreza tornava-lhe assaz pesada a hospitalidade do estrangeiro. Mas o mais pungente de todos os espinhos era sobre tudo a incerteza. Contando por seculos os annos, ausentes dos paes decrepitos, das esposas desamparadas, e dos filhos quasi orphãos, olhavam para o rochedo heroico da Terceira, extremo ponto em que fluctuava o seu estandarte, e perguntavam a si mesmos e ao futuro, d'onde viria para elles a redempção?! Por todos os lados não apalpavam senão trevas!

Um acontecimento inopinado mudou subitamente o aspecto das coisas. D. Pedro, abdicada em 1831 a corôa do Brasil, desembarcava em junho em Falmouth, reanimando com a auctoridade do seu nome as fileiras desfallecidas dos defensores da rainha. A grande alma do principe depressa se infundiu na alma de todos. As maiores temeridades, guiadas por elle, pareciam apenas lances atrevidos, dignos dos agrados da fortuna. A conquista de um reino contra mais de oitenta mil soldados, representava-se a todos empreza facil com aquelle general á sua testa! Viam já o povo nas praias saudando o imperador! Viam as estradas juncadas de espadanas e flores! Viam os inimigos dispersos sem disparar um tiro!

D. Pedro, na flor da edade, tinha séde de gloria; os brios do sangue estimulavam-o a commetter o arrojo, que muitos pintavam como um simples passeio militar. Elle não se illudia. Depois de ceder dois diademas, a corôa de heroe era a unica, a seu ver, que podia figurar honrada sobre o seu tumulo de soldado. Não querendo reinar quiz ser capitão de homens livres, e cavalleiro da arriscada causa de uma dama, que só tinha por escudos no mundo, o seu braço e o seu amor. Incançavel e resoluto partiu, pois, para Inglaterra, negociou os primeiros emprestimos, e penhorou a benevolencia do gabinete britannico. De lá, voando a Paris, não foi menos bem succedido nos esforços empregados para attrahir em seu favor o ministerio de Luiz Filippe, ao qual a revolução de julho recentemente acabára de elevar ao throno. Assumindo então a regencia em nome de sua filha, metteu hombros ao grande intento da restauração de Portugal com o ardor e firmeza usuaes, organisando o exercito e a esquadra, e dispondo tudo para avistar em breve com a expedição as costas da terra aonde nascêra.

Os acontecimentos subsequentes são sabidos. Occupado o Porto pelo exercito constitucional, a guerra civil prolongou-se, e cada cidade, cada villa, cada palmo de territorio, custou torrentes de sangue. As estreitezas de um cêrco apertado, exacerbadas pelas agonias do contagio que flagellou n'esse tempo o reino; as balas e as bombas, cruzando-se, e caíndo a cada instante sobre as casas e os edificios; o ferro e os pelouros rareando a todos os momentos as linhas enfraquecidas; e a esperança, desmaiando já até no peito dos mais intrepidos, eis o doloroso quadro que n'aquelles dias de tristeza e sobresalto offerecia a capital do norte, verdadeiro berço das modernas instituições, e baluarte inexpugnavel de sua gloriosa defesa. Os prodigios repetiram-se. A epopéa teve cantos admiraveis. O duque da Terceira e o marquez de Saldanha quasi que apagaram com suas proezas as memorias de outros generaes famosos. O audacioso Napier em um só combate fez-nos senhores das aguas do porto de Lisboa. A esquadra de D. Pedro veiu fundear-se diante de Lisboa pouco depois da bandeira azul e branca tremular sobre as ameias do seu castello!

Mas uma existencia, assim cortada de trabalhos, cuidados e privações, era para consumir em poucos mezes as mais robustas compleições. O primeiro que pagou á victoria o duro preço por que a conquistára, foi o imperador. O que elle padeceu e calou em suas inquietas vigilias, esgotando até ás fezes o calix de todas as amarguras, só Deus o soube e elle! Terminada a lucta, tinha envelhecido setenta annos, e na florescente edade de trinta e seis, achava-se de repente quebrado de forças e quasi moribundo. O seu espirito é que não perdêra o vigor e a mocidade. Assistiu-lhe sempre até ao fim a mesma serenidade intrepida, a que deveu os grandes rasgos da sua vida. Quando adormeceu no seio da eternidade expirou com elle uma grande epocha, e principiou a raiar outra. A sua foi o prologo da que está correndo. Legou-nos a liberdade; uma dynastia, filha legitima de seus principios, e penhor de sua duração; e reformas que não obraram menos que as batalhas, para consolidar no porvir as bases do edificio constitucional, que traçára accommodado aos costumes e idéas do paiz, que a sua espada e a sua penna reconstruiram no campo e no gabinete, e que o respeito e a saudade do seu nome guardam e firmam ainda na grata recordação das gerações que se lhe seguiram.

(Continua) L. A. Rebello da Silva.

VILLA DE PONTE DO LIMA

(Conclusão. Vid. pag. 386)

A villa offerece mais agradavel perspectiva a quem a contempla de fóra, do que aos que a percorrem interiormente. Aquelle effeito pittoresco dos edificios de diversas eras e estilos, uns resplandecendo de alvura, outros denegridos pela mão dos seculos; e tudo encaixilhado em arvoredo, desapparece logo que, saín-

do da ponte, se entra nas ruas da villa, em geral estreitas, tortuosas, pouco limpas e mal calçadas.

Dos seus terreiros ou praças a mais alegre e aprazivel pela sua visinhança do rio é o *largo da Regeneração*, antigamente chamado do *Chafariz*. Este largo fórma o primeiro plano da gravura a pag. 385. É irregular e com bastante declive para a margem do Lima. Adornam-o um chafariz de feitio esbelto, a capella de S. Sebastião, e o hospital denominado de *Fóra*, por ficar, juntamente com todo o terreno do largo e edificios que o guarnecem, fóra da antiga cêrca de muralhas.

A *capella de S. Sebastião* foi synagoga dos judeus no seculo XV, em que viviam alguns n'esta villa, e moravam na *rua Nova*. Cremos que foi purificada e convertida em templo christão no reinado de D. Manuel, por occasião da expulsão geral dos moiros e judeus que residiam no reino; o que se effeituou no fim d'aquelle mesmo seculo e principio do governo d'este soberano. Depois teve a ermida diversas reedificações; de modo que da sua antiguidade apenas só conserva estas memorias.

O *hospital de Fóra* é uma antiquissima albergaria, instituida para peregrinos por D. Leonel de Lima, reconstruida e reformada modernamente. Dá agasalho durante a noite aos mendigos velhos, cegos, e estropiados, tanto da villa como aos que ahi vem de passagem.

A *egreja de Nossa Senhora da Assumpção*, que desfructa as honras de collegiada, é a unica parochia da villa. É um bom templo, edificado no seculo passado. Veneram-se n'elle duas imagens, Nossa Senhora da Piedade, com o Senhor morto no regaço, as quaes vieram de Inglaterra. Antes da fundação d'este templo a egreja parochial estava fóra da villa, proximo da capella de Nossa Senhora da Guia, sendo a sua primitiva invocação de S. Vicente.

Tem Ponte do Lima casa de misericordia, dois hospitaes, diversas ermidas dentro da povoação e nos arrabaldes, casa da camara, um theatro, situado no pavimento terreo dos paços do concelho, um club denominado *Sociedade Limarense*, duas bandas de musica marcial e duas de capella, e um lindo passeio publico, assombrado de bom arvoredo, que se estende a par do rio, e junto da villa. A administração do concelho e as repartições de justiça e de fazenda acham-se reunidas no edificio da camara municipal.

Os principaes edificios, além dos já citados, são a cadeia, e o palacio dos marquezes de Ponte do Lima. A ponte é o seu primeiro monumento. Tratámos largamente d'ella e da via militar a que dava passagem em tempo dos romanos, a pag. 337 do vol. VI. A *cadeia* está estabelecida em uma das torres da antiga cêrca de muros. Apesar de contar quinhentos annos, pois que é obra, como já dissemos, del-rei D. Pedro I, acha-se muito bem conservada, e assim estariam certamente todas as mais, bem como as duas da ponte, que ainda conhecemos ha poucos annos de pé, e dando á ponte tão original e magestoso aspecto, se não as tivera nivelado com o solo esta febre destruidora dos velhos monumentos, que, para vergonha do paiz, se apoderou de nós.

Esta torre tem escapado felizmente ao camartello, porque se servem d'ella para cadeia publica; mas como não possue, nem póde possuir as condições requeridas para uma prisão de criminosos de ambos os sexos, logo que for substituida n'este serviço, mais cedo ou mais tarde, incursa na mesma proscripção que suas irmãs, vel-a-hemos abatida até aos fundamentos. E assim ficará livre a villa d'esses gigantes de rosto tisnado pelo sol de cinco seculos, que parecem assoberbal-a e enchel-a de pavor. Em compensação d'esses padrões historicos que perde, em troca d'esses seus unicos monumentos, terá mais um terreiro, embora enfezado, ou mais uns tantos palmos de terreno para edificar uma casa aleijada, ou pelo menos pesada e desengraçada, como se constroe commummente em as nossas provincias.

A *torre da cadeia*, da qual a nossa gravura mostra a parte superior, ficava proxima da *porta do Souto*. Da cêrca de muralhas a que pertencia ainda restam alguns outros vestigios.

O *palacio dos marquezes de Ponte do Lima* acha-se em muita ruina. Ficava, como deixâmos dito, junto de uma das antigas portas da villa, que tomou d'elle o nome. É o solar da illustre familia dos Limas, que el-rei D. Affonso V, por carta de 4 de março de 1476, elevou ás honras de visconde de Villa Nova da Cerveira, na pessoa de D. Leonel de Lima, e que ao presente se acha representada na pessoa do sr. D. José Maria Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, 3.° marquez de Ponte do Lima, e 17.° visconde de Villa Nova da Cerveira.

A villa é abastecida de muita e excellente agua, e do mesmo modo de todos os generos do paiz, que alli são de optima qualidade, principalmente carnes, pescado do mar e do rio, e algumas hortaliças e fructas, das quaes tem mercado no largo da Regeneração.

Os arrabaldes de Ponte do Lima são deliciosos. O rio Lima corre sobre amplo leito de alvissimas areias entre margens arborisadas, que em varios sitios são bosques espessos, e por meio de campos perennemente viçosos, como são todos os da bella provincia do Minho, pois que aó tempo em que as searas lourejam e se inclinam para a foice, já a terra, por baixo d'ellas, está inteiramente alcatifada de mimosa relva.

N'essas longas planicies, que debruam o rio, vêem-se muitas quintas, algumas com boas casas de residencia meio escondidas na espessura dos arvoredos.

O Lima recebe no inverno tanta cópia de aguas das cordilheiras de montanhas que de perto o acompanham em todo o seu curso, que se torna caudaloso, trasbordando e inundando os campos visinhos. Porém no verão, empobrecido, e não podendo cobrir toda a largura do seu alveo, divide-se n'elle em varios braços, que deixam entre si ilhotas de areia. Comtudo, ainda mesmo n'este estado, é navegavel com mais ou menos difficuldade, e transitado de muitos barcos pelo espaço de uns 10 kilometros para cima, e 15 para baixo até á cidade de Vianna do Castello, onde tem a sua foz.

Na margem direita do Lima, logo ao sair da ponte, começa o arrabalde chamado *rua d'Além da Ponte*, povoado de tantas casas, e algumas d'ellas tão boas, que é como a continuação da villa [1].

Por ambas as margens do rio vão duas estradas em direitura á cidade de Vianna do Castello. A que parte do arrabalde *rua d'Além da Ponte* corre um pouco afastada da margem, mas sempre por meio de planicie. Passa junto de duas quintas mui formosas, cujos palacios, situados entre jardins, parecem estar espreitando os barquinhos que se deslisam na corrente, através da ramagem dos arvoredos que se espelham e banham no Lima. São as quintas dos srs. condes de Bertiandos e de Almada. A estrada da margem esquerda vae mais chegada ao rio, e conduz á grande ponte de madeira que atravessa o Lima em frente de Vianna. É um passeio delicioso, e em algumas partes tão lindo, caminhando-se sob um toldo de verdura, e pelo meio da pomposa vegetação que se ostenta por todos os lados, que mais parece a rua de uma quinta de regalo que estrada publica.

Vêem-se nos suburbios de Ponte do Lima os edificios de dois extinctos conventos, um, dedicado a *Santo Antonio*, na margem esquerda e proximo da villa; e outro, intitulado *S. Francisco de Val de Pereiras*, na margem direita. Aquelle teve por funda-

[1] Vid. pag. 337 do vol. VI.

dor a D. Leonel de Lima, primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira, no anno de 1480, e foi habitado por frades capuchos da provincia da Conceição. Na sua egreja jazem muitas pessoas illustres. Além de varios membros da familia do fundador, que tinha alli o seu jazigo, estão sepultados na capella-mór João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, segundo conde de Castello Melhor; D. Manuel de Mello, filho do conde de S. Lourenço D. Martin Affonso de Mello; e Vasco Fernandes Coutinho. Este ultimo jaz em um rico sepulchro mettido na parede sobre o presbyterio, do lado do evangelho. Diz o epitaphio: *Aqui jaz Vasco Fernandes Coutinho, cavalleiro do conselho del-rei. Foi morto no combate de sete egrejas que D. Affonso* v *tomou.* Este combate foi durante a guerra que este soberano sustentou contra D. Isabel de Castella e D. Fernando de Aragão, e em defesa dos direitos da rainha de Castella, D. Joanna, sua sobrinha e desposada.

O *convento de S. Francisco de Val de Pereiras*, edificado no anno de 1360 para religiosos franciscanos, que o possuiram até 1515, passou n'este anno a ser occupado por freiras da regra de Santa Clara.

Existem nas cercanias de Ponte do Lima ruinas de antigas fortalezas. Logo abaixo da ermida de Nossa Senhora da Guia, perto da villa, descobrem-se vestigios de um castello no monte chamado dos *Medos*.

Um pouco mais distante, proximo do sitio onde se acha a capella de Nossa Senhora da Conceição, tambem existem os restos de uma fortaleza que a tradição popular attribue aos romanos.

Pretendem alguns dos nossos auctores que tem tratado de antiguidades patrias, que o Lima seja aquelle rio tão celebrado em tempo dos romanos com o nome de *Lethes*. Em abono d'esta opinião citam varios trechos de escriptores romanos, que põem o dito rio na Lusitania. Entre essas citações acha-se a seguinte anecdota: Vindo a esta parte da Peninsula Iberica, no anno 135 antes do nascimento de Christo, uma legião romana, capitaneada pelo proconsul Decio Junio Bruto, recusou-se a atravessar o referido rio, crendo ser o Lethes, com receio de se esquecer da patria e dos seus parentes, pois que era crença geral em Roma que todos aquelles que passavam o Lethes se esqueciam immediatamente de todo o seu passado. O proconsul viu-se então obrigado, para vencer a repugnancia dos soldados, a passar sósinho o rio, e, apenas chegou á margem opposta, começou a referir em altas vozes algumas particularidades de Roma, para os convencer de que não estava esquecido da patria; á vista do que a legião não hesitou mais, e foi promptamente ao encontro do seu general.

Accrescenta a isto a tradição popular que a recusa dos soldados motivára um renhido combate, querendo uns obedecer ao seu general, e negando-se outros obstinadamente a fazel-o; assignalando a mesma tradição como campo da batalha uma pequena planicie que ha junto do monte dos Medos de que acima fallámos. A superstição do povo attribue ao muito sangue que ahi se derramou a grande quantidade de certas hervas avermelhadas que se criam n'aquelle campo.

A villa de Ponte do Lima pertence ao districto administrativo de Vianna do Castello. É cabeça de comarca, e de um concelho rico e populoso. A villa terá uns 1:700 habitantes.

O concelho encerra terrenos fertilissimos, regados tambem pelo rio Neiva, por várias ribeiras, e por infinidade de fontes. É muito productivo em todas as variedades de cereaes e legumes que se cultivam ordinariamente em o nosso paiz. Tem abundancia de frutas e hortaliças; e recolhe vinho, algum azeite, cera, mel e linho. Abunda em caça e em criação de gado de variadas especies. O Lima cria muito peixe, especialmente lampréas e salmões, em que se faz muito commercio, exportando-se em conserva, ou escabeche, para diversas terras do reino, principalmente para as cidades do Porto e Lisboa.

A gravura que publicámos a pag. 385 é cópia de uma linda photographia da copiosa e excellente collecção do sr. Seabra.

I. de Vilhena Barbosa.

IR BUSCAR LÃ E SAIR TOSQUEADO

D. João de Sousa era um fidalgo muito estimado na corte del-rei D. João III, porque á honradez do seu caracter, á graça de suas maneiras e á gentileza da sua pessoa, reunia o valor do seu braço, experimentado em rijos combates n'aquelle vasto theatro das glorias de Portugal chamado Asia. Costumava D. João de vez em quando convidar para jantar alguns amigos de genio alegre, e tão engraçados na conversação, que passava aquella casa por um logar de palestra erudita, de anecdotas curiosas e de bons ditos.

Aconteceu um dia que entre os convivas se achassse um individuo da provincia da Beira, que viera a Lisboa pela primeira vez. Os seus modos e gestos revelavam bem o seu acanhamento e embaraço, vendo-se em uma terra estranha de tal grandeza, e no meio de sociedade tão differente nos habitos, nos usos e práticas d'aquella com quem vivêra até alli.

Ferviam em torno d'elle os ditos espirituosos, os equivocos chistosos, e os annexins, n'esse tempo tanto em voga entre as pessoas tidas em conta de engraçadas. Porém, ou fosse vergonha, ou simplesmente modestia, não proferia uma só palavra, acompanhando apenas com um ligeiro sorriso as gargalhadas que a miudo resoavam na sala. Se não fôra a viveza de olhos com que seguia rapidamente a expressão e o gesto dos diversos interlocutores, poderia passar por um idiota.

Notando o seu enleio os amigos do dono da casa, dispozeram-se desde logo para explorar o bom do provinciano como uma verdadeira mina de gracejos. Portanto, assim que principiou o jantar, encetaram uma conversa muito animada, e tendente a chamar a terreiro o novo hospede. Porém, como fossem baldadas todas as diligencias para o attrahir á conversação geral, que devia ser para elle como praça onde haviam de toireal-o, um dos convidados que estava do outro lado da mesa, mesmo defronte do provinciano, não podendo sofrear por mais tempo a sua impaciencia, dirige-lhe a seguinte pergunta:

— O sr. é capaz de me dizer que distancia vae de um mudo a um asno?

Figure-se o pasmo de todos os circunstantes, quando viram o provinciano responder logo, sem perturbação, antes com a maior serenidade:

— *A distancia é exactamente a largura d'esta mesa.*

A resposta não desconcertou sómente o que dirigíra o ataque; desarmou a todos os que se aprestavam para entrar em combate. D'ahi por diante o provinciano foi alvo de attenções e respeitos.

Aquellas poucas palavras tinham dado a verdadeira medida da sua intelligencia. O silencio que ellas impozeram a toda a sociedade durante alguns momentos foi em fim quebrado, e a conversação recomeçou, e animou-se pouco a pouco, porém mudára de rumo e de assumpto. Succedêra-se aos gracejos uma palestra séria e instructiva, na qual o provinciano tomou uma parte tão conspicua dando taes provas de subida intelligencia e de vasta erudição, que, no fim do jantar, todos os mais convivas, corridos de vergonha, lhe foram dirigir comprimentos uns, outros desculpas.

I. de Vilhena Barbosa.